

UM BREVE ENSAIO SOBRE A IDEIA DE PRODUÇÃO NA TEORIA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: DE MARX A LEFEBVRE

SOBREIRO FILHO, José¹

Resumo

Segundo a teoria marxista a produção tem múltiplos sentidos e compreende um amplo conjunto de processos imprescindíveis para entender a produção do espaço, sobretudo, aos auspícios das disputas entre os diferentes agentes. Diante desta complexidade, apresentamos releituras e interpretações tomando como base as referências seminais com o objetivo de reinserir discussões complementares para se entender a teoria da produção do espaço. É nesse sentido que trabalhamos com a relação produção-trabalho-natureza enquanto indissociável na produção do espaço social, as múltiplas relações por trás dos processos de produção e consumo, produção-consumo e consumo produção, bem como a relações mais perversas e contraditórias ainda pouco debatidas: estranhamento e alienação.

Palavras-chave: Produção do espaço. Produção. Consumo. Agentes. Estranhamento.

A BRIEF ESSAY ON THE IDEIA OF PRODUCTION IN THE THEORY OF THE PRODUCTION OF SPACE: MARX AND LEFEBVRE

Abstract

In Marxist theory the production term has multiple meanings and comprises a broad set of processes essential's to understand the production of space, specially based on the disputes between different agents. Faced of this complexity we have readings and interpretations based on the seminal references with the aim of reinserting a complementary discussions to understand the theory of space production. In this sense we are leading with the production-labor-nature as an indissociated relation in the production of social space, the multiple relations behind the production and consumption, production-consumption and consumption-production, as well as to main perverse and contradictory relations: estrangement and alienation.

Keywords: Productions of space. Production. Consume. Agents. Strangement

UN BREVE ENSAYO SOBRE LA IDEA DE PRODUCCIÓN EN LA TEORÍA DE PRODUCCIÓN DEL ESPACIO: DE MARX A LEFEBVRE

Resumen

En la teoría marxista la producción tiene múltiples sentidos y comprende un amplio conjunto de procesos imprescindibles para entender la producción del espacio, sobre todo, a los auspicios de las disputas entre los diferentes agentes. Delante de ésta complejidad realizamos relecturas e interpretaciones tomando como base las referencias seminales con el objetivo de reinserir discusiones complementarias para entender la teoría de la producción del espacio. Es en ese sentido que trabajamos con la relación producción-trabajo-naturaleza como indisociable en la producción del espacio social, las múltiples relaciones que están por detrás de los procesos de producción y consumo, producción-consumo y consumo-producción, como también las relaciones más perversas y contradictorias aún poco debatidas: extrañamiento y alienación.

Palabras clave: Producción del espacio. Producción. Consumo. Agentes. Extrañamiento.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: sobreirounesp@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4323-1314>.

1 Introdução

A produção é questão/tema central na teoria da produção do espaço de Lefebvre. No entanto, tal ideia tem, de fato, sentido profundamente complexo e que conseqüentemente pressupõe um outro amplo conjunto de processos diretos e indiretos entre os diferentes agentes. De certo modo, a compreensão ampla da ideia de produção apresenta-se como elemento crucial para identificarmos um conjunto de outros processos que até então aparecem ainda pouco debatidos e percebidos pelos pesquisadores, tal como, por exemplo, a alienação, o estranhamento, a indissociabilidade produção-consumo e diversos outros que nos permitem melhor compreender a atualidade da produção do espaço. É justamente neste sentido que buscamos apresentar outra leitura teórica, tomando como base os referenciais bibliográficos seminais, sobre a produção na produção do espaço e, portanto, trazer os elementos gerais no tocante à composicionalidade da produção.

A escolha por esta perspectiva de análise se justifica pela imprescindibilidade de se compreender esses processos contraditórios aqui apresentados e que são relevantes, sobretudo, para os diferentes agentes de produção do espaço contra-hegemônicos. Acreditamos que trilhar este caminho é fundamental para compreendermos o modo como o espaço é produzido e, portanto, as relações intrínsecas a sua formação, que compreendem a nossa realidade e se expressam nas relações socioespaciais tanto na atualidade quanto ao longo do(s) tempo(s).

Apresentar o processo de produção do espaço, apesar de ser fundamental para compreendê-lo, ainda não é suficiente para nos aproximarmos de uma definição mínima, porque muitas de suas relações não se restringem ao seu processo meramente produtivo e sequer aparecem com tanta evidência, mas às essências criadas por interações outras e que muitas vezes podem manter relações com o par produção-consumo. Todavia, também podem compreender outras lógicas, inclusive não necessariamente restritas ao campo da racionalidade.

É justamente nesse sentido que buscamos aqui ir além das formas mais estultas, ao se tratar da produção na produção do espaço, ou seja, um caminho rumo a outras interpretações com base em uma revisão mais detalhada da bibliografia. Deste modo, organizamos este trabalho em cinco partes complementares. Na primeira parte, apresentamos a relação entre produção, trabalho e natureza enquanto elementos indissociáveis para a produção do espaço e se atendo às interpretações das especificidades e centralidades de cada uma. Na segunda parte, abordamos melhor a perspectiva da produção do espaço social de Lefebvre. Em seguida, nos atemos à complexidade da discussão referente à produção e consumo, produção-consumo e

consumo-produção, para mostrar a imprescindibilidade da indissociabilidade e potencializar uma interpretação da produção pelo viés do consumo. Na quarta parte, destacamos algumas das contradições no processo de produção do espaço mostrando duas de suas feições mais contraditórias e perversas: a alienação e o estranhamento. Por fim, na quinta parte, apresentamos os agentes de produção do espaço, destacando as práticas e processos socioespaciais.

2 Espaço: Produção, Trabalho e Natureza

Pensar o espaço produzido foi um imenso avanço teórico realizado, de maneira mais profunda, por Lefebvre. Dentre as muitas contribuições desta perspectiva, a ruptura com as lógicas e vertentes cartesianas, absolutas, idealistas, “neutras”, etc., foi uma das mais importantes, dando especial sentido à noção de produção para além de uma visão filosófica que até então apresentava limites para se pensar o espaço, especialmente sem o hiato ser humano-espaço². Na perspectiva lefebvriana, as visões que não consideram os sentimentos, o simbólico (mente), o vivido (cotidiano e experiências) e, o mais importante, o espaço como expressão e consequência das múltiplas e profundas relações humanas/sociais e vice-versa, configura-se como um erro teórico. Este erro partiria de uma noção de espaço neutro, receptáculo, desprendido das relações de poder, das classes e dos sujeitos políticos que o concebe em suas múltiplas formas e faces da produção:

El error *teórico* consiste en contentarse con *ver* un espacio sin *concebirlo*, sin concentrar en un acto mental las percepciones dispersas, sin reunir los detalles en el conjunto de la <<realidad>>, sin aprehender los contenidos en términos de sus relaciones en el seno del continente formal. La denuncia de este error podría ser eventualmente útil para guiarnos hacia el descubrimiento de importantes ilusiones ideológicas. No otro ha sido el propósito de las anteriores consideraciones. Con ellas se ha intentado mostrar que el espacio <<neutro>> u <<objetivo>>, fijo, transparente, inocente, indiferente en apariencia, no sólo representa la instalación cómoda de un saber inoperante, no es sólo un error que se elude hablando de <<entorno medioambiental>> de la ecología, de la naturaleza y de la antinaturaleza, de la cultura, y así sucesivamente. Es un conjunto de errores, un complejo de ilusiones, capaz de hacernos olvidar totalmente que existe un sujeto total que actúa para mantener y reproducir sus propias condiciones, a saber, el Estado (apoyado sobre clases sociales y fracciones de clase). Se puede olvidar también que existe un objeto total, el espacio político absoluto, el espacio estratégico que busca imponerse como realidad cuando

² *Producir el espacio*. Esta combinación de palabras no tenía ningún sentido cuando los filósofos dominaban el mundo de los conceptos. El espacio de los filósofos sólo pudo ser creado por Dios, como su primera obra, el dios de los cartesianos (Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibniz) o el Absoluto de los post-kantianos (Schelling, Fichte, Hegel). Aunque más tarde el espacio aparente una degradación del <<ser>> que se despliega en el tiempo, esta apreciación peyorativa no introduce ninguna diferencia: relativizado y desvalorizado, el espacio sigue dependiendo de lo absoluto, incluso en la duración bergsoniana. (LEFEBVRE, 2013, p. 129-0)

no es más que una abstracción – si bien una abstracción dotada de enormes potencialidades en la medida en que es lugar y medio del Poder. De ahí la abstracción del <<usuario>> y del llamado pensamiento crítico, que pierde sus capacidades de juicio cuando se sitúa ante los grandes Fetiches. (LEFEBVRE, 2013, p. 149-0)

Indubitavelmente, é, sobretudo, no diálogo com a literatura de Marx que esta noção é lastreada e, não obstante da noção da tríade relações-forças-meios de produção, o espaço passa a ser compreendido também como as múltiplas relações entre as pessoas, as coisas, os produtos, a materialização da existência, como a criação e implicação das relações³, como produto simbólico (códigos, linguagens, etc.), mental, sentimental, sexual etc. No entanto, apesar das múltiplas formas e faces de produção do espaço, Lefebvre, reconhecendo tanto a importância dada por Marx, em *O Capital* e *Grundrisse*,⁴ quanto também utilizando-se da dialética materialista, foca nas relações de produção e consumo a partir de uma leitura espacial e *vice-versa*, apropriando-se, assim, das discussões sobre os meios de vida, as relações de produção etc.⁵. Em tal intento, algumas ideias são emergidas como centrais no que podemos chamar de algo “Para além da Economia Política do Espaço⁶” ou na releitura/leitura direcionada das obras de Marx para o espaço. Em nossa compreensão, obviamente que ambientado às principais ideias que compõem a economia política, a produção é o ponto de partida.

Mas o que é produzir? A palavra produção pode estar relacionada a diversos contextos, escalas e intencionalidades materiais e do(s) espírito(s). No entanto, alguns elementos são comuns e podem ser aplicados a todas estas. Dentre as diferentes concepções sobre o uso do termo, destaca Abbagnano (2007, p. 809) que produção está intrinsecamente relacionada a fazer algo passar a ser uma coisa que não poderia ser. Além da transformação, Aristóteles, ao se tratar

³ Debemos concluir que este espacio implica, contiene y disimula las *relaciones sociales*, a pesar de que, como hemos dicho, este espacio no es una cosa, sino un conjunto de relaciones entre las cosas (objetos y productos). ¿Podemos afirmar que es o tiende a convertirse en la Cosa absoluta? Sin duda, puesto que toda cosa que alcanza la autonomía en el proceso de intercambio (desde el momento en que deviene mercancía) tiende a hacerse absoluta, tendencia que deviene mercancía) tiende a hacerse absoluta, tendencia que define el concepto marxista del fetichismo (la alienación práctica en el capitalismo). No obstante, la Cosa no alcanza completamente lo absoluto, no logra emanciparse de la actividad, del uso, de la necesidad, del <<ser social>>. ¿Cuáles son las implicaciones de todo esto para el espacio? Bien, ésta es la cuestión central. (LEFEBVRE, 2013, p. 139)

⁴ Conforme o autor apresenta no final do primeiro capítulo do livro “*La producción del espacio*”, ambas as obras são as principais referências para suas reflexões.

⁵ Vale destacar também que algumas discussões transbordam a natureza do trabalho, atendo-se a aspectos do cotidiano, das identidades, do gênero, etc., e que também são tratadas por Lefebvre.

⁶ *Se puede concebir una economía política del espacio que reconsidere la economía política, que la salve de la quiebra mediante la proposición de un nuevo objeto: la producción del espacio. Si el conocimiento retoma la crítica de la economía política (que para Marx coincide con el conocimiento de lo económico) será capaz de mostrar cómo esta economía política del espacio corre el riesgo de coincidir con las apariencias del espacio, como medio mundial de una instalación definitiva del capitalismo. Se podría proceder de forma análoga con la historia, la psicología, la antropología y así sucesivamente – quizá incluso con el psicoanálisis. (LEFEBVRE, 2013, p. 159)*

da arte, chama atenção também para *quem* produz, ou seja, o *ser* que produz como elemento central para se compreender o processo e o produto, pois este é nada menos que a origem⁷.

Além deste olhar radical, vale destacar, também, face à relevância no campo idealista, as importantes compreensões de Kant, no tocante à razão-juízo no empirismo, e Hegel, ao espírito (no exame da consciência/mente, idealista), visto que ambas nos permitem rever não só as formas de pensar e conceber as ideias, mas como estas têm implicações diretas no processo dialético de produzir⁸.

A definição destes alicerces é uma questão fundamental para avançarmos na compreensão que Lefebvre apresenta sobre produção do espaço. Na obra de Marx, a produção⁹ tem centralidade para se analisar e compreender a sociedade, ou seja, é por meio das relações de produção e das forças produtivas que compreenderemos a realidade, especialmente as relações sociais e econômicas¹⁰. É justamente este olhar, materialista histórico dialético, de Marx, pela força, meios e modo de produção, que Lefebvre se apropria para discutir a produção do espaço.

No entanto, para Lefebvre estabelece-se uma problemática no tocante ao que seria produção. Segundo o autor “*Ni Marx ni Engels dejan indeterminado el concepto de producción. Lo circunscriben, pero con el resultado de que ya no se trata de obras en sentido amplio, sino sólo de cosas, de productos.*” (2013, 125). Ainda segundo o autor, o conceito de produção segue abstrato, sendo que somente em Marx e Engels ocorre uma tentativa de definição deste último:

La producción, el producto, el trabajo, conceptos que emergen simultáneamente y permiten la fundación de la economía política, constituyen abstracciones privilegiadas, abstracciones concretas que hacen posible el análisis de las *relaciones de producción*. En lo que al concepto de producción se refiere no llega a ser plenamente concreto ni adquiere un contenido cierto sino por las respuestas a las cuestiones que plantea: <<¿Quién produce?>>, <<¿Qué?>>, <<¿Cómo?>>, <<¿Por qué y para quién?>>. Al margen de esas cuestiones y de su respuesta, el concepto de

⁷ *Toda arte relaciona-se à criação e ocupa-se em inventar e em estudar as maneiras de produzir alguma coisa que pode existir ou não, e cuja origem está em quem produz, e não no que é produzido. De fato, a arte não se ocupa nem com as coisas que são ou que se geram por necessidade, nem com as que o fazem de acordo com a natureza (pois essas têm sua origem em si mesmas). De fato, a arte não se ocupa nem com as coisas que são ou que se geram por necessidade, nem com as que o fazem de acordo com a natureza (pois essas têm sua origem em si mesmas). Visto que existe diferença entre produzir e agir, a arte deve ser uma questão de produzir e não dirigir; e de certa maneira, o acaso e a arte versam sobre os mesmos objetos, como diz Agaton : “(A arte ama o acaso, e o acaso, a arte”. Assim, como já dissemos, a arte é uma disposição relacionada com produzir, que envolve o reto raciocínio; e a carência de arte, pelo contrário, é também uma disposição relacionada com produzir, porem envolvendo falso raciocínio. E ambas dizem respeito às coisas que podem ser de outro modo. (ARISTÓTELES, 2009, p. 131-2)*

⁸ Tomamos como opção não enveredar nas discussões hegelianas para pensar a produção especialmente, por considerar suas obras obscuras no tocante aos múltiplos sentidos dos conceitos.

⁹ Especialmente porque diversas questões como forças produtivas, circulação etc. gravitam em sua orbita.

¹⁰ A produção aparece de maneira diversa obras como em “A Riqueza das Nações” de Smith, contudo em Marx tem papel central.

producción permanece como una abstracción. En Marx, como en Engels, el concepto nunca alcanza una concreción. Sólo mucho más tarde el economismo tratará de ceñir el concepto a la acepción más estrecha: <<el factor que *en última instancia* determina la historia es la producción y la reproducción de la vida real>>, escribe Engels a Bloch el 20 de septiembre de 1890. Frase dogmática y vaga, sin duda: la producción engloba la reproducción biológica, económica y social sin mayor precisión. (LEFEBVRE, 2013, p. 126)

Contudo, apesar de Lefebvre afirmar que não há definição do conceito de produção, cremos que Marx não o trata como um conceito definido e inelástico, mas como uma relação, um processo que está diametralmente ligado à origem de outros conceitos e, nesse sentido, o trabalha de maneira dialética, preocupado com os múltiplos sentidos e relações possíveis, tomando como objeto a produção material nos *Grundrisse* e em *O Capital*.

Ainda sobre a crítica de ser ou não um conceito abstrato em Marx, instigamo-nos a pensar se, de fato, não seria um termo cuja “abstração” tem suas bases na necessidade dos múltiplos usos, ou seja, em sua polivalência intencional¹¹. Neste sentido, uma crítica à crítica de Lefebvre deve-se à escolha deste em tentar cimentar um termo intencionalmente polivalente e epistemologicamente multiescalar, que cumpriria o sentido de ser uma *síntese de múltiplas determinações*, ou seja, não tratar a produção no universo dialético de suas diversas situações, quando busca a definição conceitual em Marx, mas somente em escrevê-la.

Indubitavelmente, Lefebvre buscou algo que Marx não estava a oferecer nos modos como desejava, viu sua obra como incompleta e buscou ir além, face à contemporaneidade. Contudo, a “abstração” é central a Lefebvre, mas não a Marx como conceito positivo. Quando pensamos assim, tomamos como referência os diversos empregos do conceito “abstrato” usado por Marx:

Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. Mesmo que o mundo sensível, como em São Bruno, seja reduzido a um cajado, a um mínimo, ele pressupõe a atividade de produção desse cajado. (MARX; ENGELS, 2012, p. 33).

E:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queria. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal.

¹¹ O mesmo figura em Aristóteles, conforme já apontado, quando este destaca somente a transformação.

Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria, constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado *modo de vida*, desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois com sua produção, tanto com *o que* produzem como também com *o modo como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (MARX; ENGELS, 2012, p. 87)

Na verdade, parte significativa de sua definição se forma, e assim transparece, quando tomamos como ponto de partida a produção a partir do trabalho do ser humano sobre a natureza para a produção da vida material ou a produção social da própria existência (“*A materialização da existência humana*”). Em *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Marx, elevando ao pensamento mais complexo e focando na “*produção social da própria existência*”, apresenta elementos mais gerais para se pensar a produção no contexto da formação social e histórica:

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos, pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade. Essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. (MARX, 2008, p. 47)

O emprego do termo em tais considerações apresentadas evidencia, especialmente, a polivalência e a multiescalaridade no pensamento de Marx. No entanto, mais adiante, em “*A Ideologia Alemã*”, Marx e Engels, ao tratar algumas formulações sobre o comunismo, apontam para a *produção da vida material*¹², na perspectiva do devir das gerações, da autoatividade e da individualidade. Parte significativa destas compreensões, relacionada à produção dos meios de vida e da própria concepção de produção que, por sua vez, está intimamente ligada à concepção

¹² “*As condições sob as quais os indivíduos intercambiam uns com os outros, enquanto não surge a contradição, são condições inerentes à sua individualidade e não algo externo a eles, condições sob as quais esses indivíduos determinados, que existem sob determinadas relações, podem produzir sua vida material e tudo o que com ela se relaciona; são, portanto, as condições de sua autoatividade produzidas por essa autoatividade. A condição determinada sob a qual eles produzem corresponde, assim, enquanto não surge a contradição, à sua real condicionalidade [Bedingtheit], à sua existência unilateral, unilateralidade que se mostra apenas com o surgimento da contradição e que, portanto, existe somente para os pósteros. Assim, essa condição aparece como um entrave acidental, e a consciência de que ela é um entrave é também furtivamente introduzida na época anterior.*” (MARX e ENGELS, 2012, p. 68)

de Lefebvre, dá-se na própria transformação da natureza através do trabalho¹³. Produção, trabalho e natureza tornam-se elementos cruciais para entendermos a produção do espaço. Segundo Lefebvre:

La naturaleza crea y no produce; provee recursos para una actividad creativa y productiva del hombre social; pero proporciona sólo valores de uso, y todo valor de uso (todo producto en tanto que no es intercambiable) retorna hacia la naturaleza o sirve como bien natural. Evidentemente, la tierra y la naturaleza no pueden separarse. Produce la naturaleza? El sentido original del término parece sugerirlo: conducir y llevar hacia delante, hacer surgir de las profundidades. Sin embargo, la naturaleza no trabaja; incluso se trata de un rasgo que la caracteriza: la naturaleza crea. Lo que crea – a saber, <<seres particulares – simplemente surge y aparece. Por lo demás, ignora tales creaciones (si no suponemos la existencia en su seno de un dios calculador, de la providencia). Un árbol, una flor, un fruto no son en modo alguno <<productos>>, ni siquiera en un jardín. La rosa no tiene por qué, florece porque florece. <<No le preocupa ser vista>>, en palabras de Angelus Silesius, Ignora que es bella y agradable, que presenta una simetría de orden *n*, etc. ¿Como no seguir o retomar estas cuestiones? La <<naturaleza>> no puede operar conforme a la misma finalidad que el ser humano. (LEFEBVRE, 2013, p. 127)

Em seguida, o autor comenta que “*La naturaleza se presenta como el gran territorio de los nacimientos. Las <<cosas>> nacen, crecen y maduran, se ajan y mueren...[.]... la flor no sabe que es flor, ni la muerte sabe a quién visita*”, deixando aberto o terreno para diferenciarmos a produção do espaço como algo que, por ser produto humano, é inevitavelmente resultado da ideação e da objetivação do ser humano pelo trabalho.

É fundamental retomar este debate para a compreensão do que é produção do espaço, especialmente porque muitas são as confusões estabelecidas no âmbito da produção de Marx. Esta questão apresenta-se muito viva em *O Capital*, especialmente no tocante à reprodução social, todavia, apesar de não usar os mesmos termos, aparece de maneira recorrente, sobretudo quando este se atém ao *devir* que o trabalho emprega à natureza, transformando-a para sua existência¹⁴.

¹³ Mais uma vez a centralidade do ser, destacada por Aristóteles, é fundamental para se compreender o produto e, especialmente neste caso, diferenciar o trabalho do ser humano da natureza na produção.

¹⁴ “*Antes de surgir um alfaiate, o ser humano costurou durante milênios, pressionado pela necessidade de vestir-se. Mas o casaco, o linho, ou qualquer componente da riqueza material que não seja dado pela natureza, tinha de originar-se de uma especial atividade produtiva, adequada a determinado fim e que adapta certos elementos da natureza às necessidades particulares do homem. O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade -, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana. Os valores-de-uso, casaco, linho etc., enfim, as mercadorias, são conjunções de dois fatores, matéria fornecida pela natureza e trabalho. Extraíndo-se a totalidade dos diferentes trabalhos úteis incorporados ao casaco, ao linho etc., resta sempre um substrato material, que a natureza, sem interferência do homem, oferece. O homem, ao produzir, só pode atuar como a própria natureza, isto é, mudando as formas da matéria. E mais. Nesse trabalho de transformação, é constantemente ajudado pelas forças naturais. O trabalho não é, por conseguinte, a única fonte dos valores-de-uso que produz, da riqueza material. Conforme diz William Petty, o trabalho é o pai, mas a mãe é a terra.*” (MARX, 2008, p. 64-5)

Por que destacamos a tríade produção-trabalho-natureza para compreender a produção do espaço? A resposta está no fato de que a relação entre eles permite-nos avançar não só na produção do espaço, mas também na própria definição que Marx faz ao relacioná-los, ou seja, um só se explica na elucidação dos demais, tal como podemos ver:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. (MARX, 2008, p. 211)

Outra coisa fundamental a ser destacada é a dialética entre o ser humano e a natureza inorgânica¹⁵, além da produção dos meios de vida, por meio da consciência, na diferenciação ontológica do ser humano em relação aos demais seres¹⁶. No processo produtivo, estes elementos são essenciais (trabalho, objeto e meio¹⁷) e, conseqüentemente, configuram a produção do espaço:

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transforma-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece o resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tanto mais necessário quanto menos se sintam o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece, por isso, menos possibilidade de fruir da aplicação das suas próprias forças físicas e espirituais. Os elementos componentes do processo de trabalho são:

- 1) A atividade adequada a um fim, isto é o próprio trabalho;
- 2) A matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho;
- 3) Os meios de trabalho, o instrumental de trabalho.

A terra (do ponto de vista econômico, compreende a água), que, ao surgir o homem, o provê com meios de subsistência prontos para utilização imediata, existe independentemente da ação dele, sendo o objeto universal do trabalho humano. Todas as coisas que o trabalho apenas separa de sua conexão imediata com seu meio natural constituem objetos de trabalho, fornecidos pela natureza. Assim, os peixes que se

¹⁵ Manuscritos Econômico-filosóficos, 2009, p. 84.

¹⁶ Marx e Engels, 2012 p. 87.

¹⁷ Estes componentes também são apresentados por Lefebvre: “*Temporo y espacialmente compone un orden de operaciones encadenadas cuyos resultados coexisten. Desde el principio de la actividad orientada hacia tal objetivo, los elementos espaciales (los cuerpos, los miembros, los ojos) se ponen en movimiento, incluyendo materias (piedras, madera, huesos, cuero, etc.) e instrumentales (útiles, armas, lenguas, requerimientos y prioridades).*” (2013, p. 128)

pescam, que são tirados do seu elemento, a água; a madeira derrubada na floresta virgem; o minério arrancado dos filões. Se o objeto de trabalho é, por assim dizer, filtrado através do trabalho anterior, chama-lo de matéria-prima. (MARX, 2008, p. 213)

Na síntese proposta por Marx sobre o processo laboral e diante do amplo permear da natureza em todo o processo produtivo da vida social, outra questão nos aparece como crucial. Apesar de o trabalho sublevar o ser-espaco, são nos meios¹⁸ e nos objetos de trabalho que a natureza e sua transformação, por meio do trabalho, fica ainda mais evidente. Os meios de produção emergem assim como o âmbito mais nítido em que o devir promovido pelo trabalho se torna objetivo:

No processo de trabalho, a atividade do homem opera uma **transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumento de trabalho**. O processo extingue-se ao concluir-se o produto. O produto é um valor-de-uso, um material da natureza adaptado às necessidades humanas através da mudança de forma. O trabalho está incorporado ao objeto sobre que atuou. Concretizou-se, e a matéria está trabalhada. O que se manifestava em movimento do lado do trabalhador, se revela agora qualidade fixa, na forma de ser, do lado do produto. Ele teceu, e o produto é um tecido. (MARX, 2008, p. 214-5)

3 A produção do espaço social na perspectiva marxiana de Lefebvre

Traçamos até o momento uma leitura visando compreender o que é produção em Marx e, conseqüentemente, em Lefebvre, justamente para poder nos aproximar da compreensão de uma significativa parcela da produção do espaço voltada para a lógica produtiva-consumptiva. Neste sentido, Lefebvre apresenta uma definição conceitual destacando objetivamente o espaço

¹⁸ Segundo Marx “O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho e lhe serve para dirigir sua atividade sobre o objeto. Ele utiliza as propriedades mecânicas físicas, químicas das coisas, para fazê-las atuarem como forças sobre outras coisas, de acordo com o **fim que tem em mira**. A coisa de que o trabalhador se apossa imediatamente – excetuados meios de subsistência colhidos já prontos, tais como frutas, quando seus próprios membros servem de meio de trabalho – não é objeto de trabalho, mas o meio de trabalho. Desse modo, faz de uma coisa da natureza órgão de sua própria atividade, um órgão que acrescenta a seus próprios órgãos corporais, aumentando seu próprio corpo natural, apesar da bíblia. A terra, seu celeiro primitivo, é também seu arsenal primitivo de meios de trabalho. Fornecendo-lhe, por exemplo, a pedra que lança e lhe serve para moer, prensar, cortar etc. **A própria terra é um meio de trabalho**, mas, para servir como tal na agricultura, pressupõe toda uma série de outros meios de trabalho, mas, para servir como tal na agricultura, pressupõe toda uma série de outros meios de trabalho e um desenvolvimento relativamente elevado da força de trabalho.” (2008, p. 213)

como uma relação social¹⁹, um produto de uma atividade (trabalho) envolvendo técnicas²⁰ e tendo a natureza como a principal matéria prima²¹:

Esos espacios están *producidos*. La <<matéria prima>> a partir da cual se han producido no es otra que la **naturaleza**. Son productos de una actividad donde la **economía** y la **técnica** están involucradas, pero van mucho más lejos: son productos políticos, espacios estratégicos. El término <<estrategia>> comprende proyectos y acciones muy diferentes, combina la paz con la guerra; el comercio de armas con la disuasión en caso de crisis; el empleo de recursos propios de los espacios *periféricos* con el uso de las riquezas procedentes de los centros industriales, urbanizados y estatalizados.

El espacio no es nunca producido al modo en que se produce un kilo de azúcar o un metro de tela. No es un mero agregado de los lugares y sitios de esos productos: el azúcar, el trigo, la tela, el hierro. ¿Acaso se produce como una *superestructura*? No, sería más exacto decir que es la condición o el resultado de superestructuras sociales: el Estado y cada una de las instituciones que lo componen exigen sus espacios – espacios ordenados de acuerdo con sus requerimientos específicos -. El espacio no tiene nada de <<condición>> a priori de las instituciones y del Estado que las corona. Podemos afirmar que el espacio es una relación social, pero inherente a las *relaciones de propiedad* (la propiedad del suelo, de la tierra en particular), y que por otro lado está ligado a las fuerzas productivas (que conforman esa tierra, ese suelo); vemos, pues, que el espacio social manifiesta su polivalencia, su <<realidad>> a la vez formal y material. *Producto* que se utiliza, que se consume, es también medio de producción: redes de cambio, flujos de materias primas y de energías que configuran el espacio y que son determinados por él. En consecuencia, ese medio de producción, producido como tal no puede ser separado de las fuerzas productivas, incluyendo la técnica y el conocimiento, ni separado de la división social del trabajo, que lo modela, ni de la naturaleza, ni del Estado y las superestructuras de la sociedad. (LEFEBVRE, 2013, p. 140-1).

Mais uma vez, a leitura remonta a uma boa parcela da teoria marxista para se compreender e se apropriar de parte da análise sobre produção-consumo de mercadorias, reconhecer tal processo como uma forma de produção do espaço, mas, especialmente, adaptar a teoria para uma leitura espacial. No entanto, apesar de tomar como referência a abordagem de Marx, há um largo hiato entre a lógica de produção das mercadorias e a produção do espaço²², pois este último é vastamente amplo a ponto de conter as relações primeiras, os

¹⁹ En tanto que espacio social, es obra y producto: esto es, realización del <<ser social>>. Pero en determinadas coyunturas puede asumir los rasgos fetichizado, autonomizados, de la cosa (de la mercancía y del dinero). (LEFEBVRE, 2013, p. 157)

²⁰ Mais tarde a técnica é tomada como central nas concepções teóricas de Milton Santos, sobretudo, em “A Natureza do Espaço”, onde realiza uma leitura ontológica do espaço a partir da técnica.

²¹ La *materia prima* de la producción del espacio no es, como ocurre en el caso de los objetos particulares, un material particular; es la *misma naturaleza*, transformada en producto, rudamente tratada, hoy amenazada, probablemente arruinada y, con toda seguridad y paradójicamente, *localizada*. (LEFEBVRE, 2013, p. 177)

²² É importante destacar que apesar deste amplo hiato, dialeticamente há uma dependência entre eles, especialmente quando lançamos mão do desafio de tentar compreendê-los, pois, via-de-regra temos que remontar aos produtos e ao espaço produto-produtor, como podemos ver em Lefebvre “*Retomemos ahora la cuestión desde una perspectiva más general. Producir un objeto es siempre modificar una materia prima mediante la aplicación de un conocimiento, de un procedimiento técnico, de un esfuerzo y de un gesto repetitivo (de un trabajo). La materia prima proviene directamente o no de la naturaleza material: madera, lana, algodón, seda, piedra, metal... En el curso del tiempo, se han ido sustituyendo los materiales que procedían directamente de la naturaleza por*

componentes, prostrar-se como alicerce²³ e figurar-se com tamanha amplitude que as demais relações até então realizadas integrariam sua composicionalidade e totalidade, ou seja, Lefebvre subleva a leitura de Marx a uma escala de análise geográfica e filosófica que transcende as pontualidades e especificidades das relações produtivas:

El concepto de espacio social se desarrolla mediante su ampliación. Se introduce en el seno del concepto de producción, lo invade incluso, llegando a hacerse parte (quizá una parte esencial) de su contenido. De ahí engendra un movimiento dialéctico muy específico que no abole ciertamente la relación <<producción-consumo>> aplicada a las cosas (bienes, mercancías, objetos de cambio), pero que modifica mediante su ampliación. Entre los niveles a menudo separados del análisis se atisba una unidad: las fuerzas productivas y sus componentes (naturaleza, trabajo, técnica, conocimiento), las estructuras (relaciones de propiedad), las superestructuras (las instituciones y lo mismo Estado) (LEFEBVRE, 2013, p. 141)

Embora boa parcela da leitura de Lefebvre esteja diretamente relacionada à lógica de produção das mercadorias de Marx, é o materialismo histórico que, ao ser transformado e talvez ampliado²⁴, caracterizar-se-ia como a célula revolucionária da construção e adaptação teórica lefebvriana:

De la historia así concebida, el materialismo histórico toma una extensión y una verificación que terminan por transformarlo. Su objetividad se profundiza ya que no sólo se ciñe a plantear la producción de las cosas y de las obras, a la historia (dual) de esta producción. Ahora se extiende al espacio y al tiempo, y al tomar la naturaleza como <<materia prima>>, amplía el concepto de producción del espacio, entendido como proceso cuyo producto (el espacio) abarca tanto a las cosas (bienes, objetos) como a las obras. (p. 181).

otros más elaborados, esto es, cada vez menos <<naturales>>. La importancia de las mediaciones técnicas y científicas no ha dejado de acrecentarse. Sólo hay que pensar en el aglomerado, en las fibras artificiales, en los plásticos. No obstante, no han desaparecido los primeros materiales (l lana, el algodón, el ladrillo y la piedra, etc.).

El objeto producido porta a menudo los trazos del material y del tiempo empleados, las operaciones que han modificado la materia prima. Es posible entonces reconstruir las interenciones. No obstante, las operaciones productivas tienden a borrar sus huellas; algunas tienen ese cometido: pulir, barnizar, revestir, enlucir, etc. Una vez que la construcción ha finalizado, se desmontan los andamios; asimismo, los borradores de un pintor son rasgados y él sabe cuándo ha de pasar del esbozo al cuadro. Ésa es la razón por la que productos los productos e incluso las obras tienen también ese rasgo característico: se desprenden del trabajo productivo. En realidad, el trabajo productivo se olvida, y ese olvido – que un filósofo diría ocultación – hace posible el fetichismo de la mercancía: el hecho de que la mercancía implica relaciones sociales y que conlleva su desconocimiento.” (LEFEBVRE, 2013, p. 167)

²³ Del espacio producido, del espacio producción (de cosas en el espacio), el pensamiento reflexivo pasa, pues, a la producción del espacio como tal, debido al crecimiento continuo (relativamente) de las fuerzas productivas pero en los marcos discontinuos (relativamente también) de las relaciones y de los modos de producción. (LEFEBVRE, 2013, p. 146)

²⁴ Apesar de Lefebvre (2013) dispor sua leitura como uma ampliação do materialismo histórico, Schmidt (2012) já relacionava o próprio método ao lastro da natureza. Portanto, cabe destacar que os conceitos de natureza e espaço não tenham limites tão bem definidos e, portanto, presume-se também como sinônimos, em alguns casos, da literatura marxiana.

A partir desta perspectiva, um materialismo histórico espacial²⁵, o próprio autor apresenta múltiplas definições de espaço. No entanto reincide o caráter espacial das relações²⁶, do espaço como síntese das relações e possibilidades (forma, estrutura e funções) e como morfologia social²⁷. Também nos é mostrada uma concepção do espaço como a síntese das múltiplas determinações e que, por assim dizer, tanto há várias formas e lógicas de produção do espaço social quanto existe uma multiplicidade de espaços sociais, multidimensionais (político-jurídico, econômico, cultural, natural-ambiental, etc.), que se interpenetram e justapõem (LEFEBVRE, 2013, p. 142-3). Não obstante, temos então, ainda a busca por uma concepção unitária de espaço lastreada tanto na crítica às concepções parcelares das ciências quanto na preocupação de uma compreensão mais ampla.

4 O Espaço Social: produção e consumo, produção-consumo e consumo-produção

O par dialético produção-consumo é mais uma questão *sine qua non* para compreendermos a produção do espaço, no âmbito das discussões lefebvrianas. Em toda a obra de Marx, o termo consumo surge destacando dois sentidos principais; primeiramente é conceituado como a base para a reprodução social, tanto no sentido espiritual quanto fisiológico e, segundo, no plano histórico (leia-se também *devir*) e das estruturas societárias dos diferentes modos de produção.

Apesar de parte da obra de Marx ter enfoque na produção de mercadorias, o espaço (na obra de Marx ou não?) não pode ser compreendido somente como uma mercadoria pura e simplesmente. Se considerássemos a relação dialética produção-consumo e as relações nas quais se embasa, até poderia, mas, tendo o ser humano-natureza no bojo da totalidade, o

²⁵ Mais tarde, Soja (1993) discute esta perspectiva apontando para o materialismo histórico geográfico.

²⁶ *Queda una vieja cuestión abierta nunca respondida. ¿Cuál es exactamente el modo de existencia de las relaciones sociales? ¿La sustancialidad? ¿La naturalidade? ¿La abstracción formal? El estudio del espacio permite responder que las relaciones sociales poseen una existencia social en tanto que tienen existencia espacial; se proyectan sobre el espacio, se inscriben en él, y en ese curso lo producen. De no ser así, las relaciones sociales sociales permanecerían en la <<pura>> abstracción, es decir, en las representaciones y, en consecuencia, en la ideología – dicho de o otro modo, en el verbalismo, la verborrea y la palabrería.*

El espacio mismo, simultáneamente producto del modo de producción capitalista, e instrumento económico-político de la burguesía, revela sus propias contradicciones. La dialéctica surge del tiempo y se realiza; obra de un modo imprevisto en el espacio. Las contradicciones del espacio, sin abolir las que provienen del tiempo histórico, emergen de la historia y transportan las viejas contradicciones, en una simultaneidad mundial, a otro nivel; algunas se atemperan, otras se agravan, y el conjunto contradictorio adquiere un nuevo sentido y viene a designar <<otra cosa>>, otro modo de producción. (LEFEBVRE, 2013, p. 182)

²⁷ El espacio es la morfología social; en ese sentido, el espacio es a lo <<vivido>> lo que al organismo vivo es su propia forma, íntimamente ligada a las funciones y estructuras. (LEFEBVRE, 2013, p. 149)

espacial-social, seria um mero exercício de simplificação e que pouco se aproximaria do nosso objetivo de construir uma explicação mais ampla do próprio conceito.

Diante disso que percebemos que a produção do espaço, assim como outras produções, não se separa do consumo²⁸ e não pode ser entendida somente no âmbito das compreensões marxianas sobre produção, a partir de uma compreensão/concepção/interpretação que não considere a relação dialética produção e consumo. No entanto, há diferentes compreensões sobre consumo em Marx. Bottomore (2001) apresenta o consumo dividido em duas grandes categorias (consumo produtivo e consumo improdutivo²⁹), contudo compreendemos que considerar determinada parcela do consumo como improdutivo por se dar fora do âmbito das relações de produção direta é desconsiderar que a reprodução social e a história sejam parte integrante do próprio processo produtivo, ou seja, uma mera redução da totalidade societal.

Ademais, apesar de muitas questões já terem sido apontadas, cremos que uma parcela da discussão sobre a produção material, quando Marx se dedicou em *Grundrisse*, merece especial destaque para realizarmos uma melhor leitura dos sujeitos que produzem espaço, especialmente porque Marx trabalhou suas críticas sobre a produção no âmbito das análises das formas de sociedade³⁰ e estas estão presentes nos projetos político-ideológicos dos movimentos que trabalharemos. Diante do amplo leque de relações, Marx destaca conexões fundamentais para se entender as relações entre produção, distribuição, troca e consumo:

A representação superficial claramente perceptível: na produção, os membros da sociedade apropriam (elaboram, configuram) os produtos da natureza às necessidades humanas; a distribuição determina a proporção em que o indivíduo singular participa desses produtos; a troca o provê dos produtos, particulares nos quais deseja converter a cota que lhe coube pela distribuição; no consumo, finalmente, os produtos devêm objetos do desfrute, da apropriação individual. A produção cria os objetos correspondentes às necessidades; a distribuição os reparte segundo leis sociais; a troca reparte outra vez o já repartido, segundo a necessidade singular; finalmente, no consumo, o produto sai desse moimento social, devêm diretamente objeto e serviço da necessidade singular e a satisfaz no desfrute. A produção aparece assim como o ponto de partida; o consumo, como o ponto final; a distribuição e a troca como o meio-termo, o qual, por sua vez, é ele próprio dúplice, uma vez que a distribuição é o momento determinado pelos indivíduos. Na produção, a pessoa se objetiva, na pessoa, a coisa se subjetiva; na distribuição, a sociedade assume a mediação entre produção e

²⁸ Em *Grundrisse* Marx ainda relaciona distribuição e troca.

²⁹ "O consumo está dividido em duas grandes categorias: consumo produtivo, que inclui tanto o consumo dos bens de consumo pelos produtores, como o consumo dos meios de produção no processo produtivo; e o consumo improdutivo, que inclui o consumo de bens que não entram no processo de reprodução, não contribuem para o ciclo seguinte de produção." (BOTTOMORE, 2001, p. 79)

³⁰ Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo no interior de e mediada por uma determinada forma de sociedade. Nesse sentido, é uma tautologia afirmar que a propriedade (apropriação) é uma condição da produção.[...] "Salvaguardar o adquirido etc. Quando tais trivialidades são reduzidas ao seu efetivo conteúdo, expressam mais do que sabem seus pregadores. A saber, que toda forma de produção forja suas próprias relações jurídicas, forma de governo etc." (MARX, 2011, p. 43)

consumo e sob a forma de determinações dominantes; na troca, produção e consumo são mediados pela determinabilidade contingente do indivíduo. (MARX, 2011, p. 44)

Tais relações devem-se à compreensão multiescalar ser não só espacial, mas também ideal e relacional, visto que *“Produção, distribuição, troca e consumo constituem assim um autêntico silogismo; a produção é a universalidade, a distribuição e a troca, a particularidade, e o consumo, a singularidade na qual o todo se unifica”* (MARX, 2011, p. 44). Ainda segundo Marx, a produção é determinada por leis naturais universais.

Muitas ponderações sobre produção são importantes para se compreender melhor a lógica de Marx. A primeira a se destacar é a dialética entre produção e consumo. Segundo o autor, a produção é imediatamente consumo por demandar consumo para a produção, seja pelas forças vitais ou pelos meios de produção³¹, figurando assim o que se denomina como consumo produtivo. A recíproca também é verdadeira no âmbito da dialética, de ambos serem os respectivos contrários, quando o consumo também é imediatamente produção, pois por meio dele que se efetiva³². Esse processo, último, figura o que se denomina por *produção consumptiva*. Em síntese, ambos os processos se medeiam e são indissociáveis para se compreenderem.

Apesar de a produção ser componente de destaque, o consumo também tem centralidade no âmbito do processo, devido ao fato de que somente ao atingir o seu estágio que o produto se efetiva e, portanto, jamais pode ser subjugado. Sua efetivação dá-se de dois modos: primeiramente pelo fato de que somente por meio do consumo que o produto devém como produto³³; e na medida em que o consumo é o pressuposto da produção, ou seja, somente mediante a necessidade que o consumo se efetiva.

A necessidade reproduzida pelo consumo na produção elege outros pontos fundamentais para pensarmos este par dialético. Destacamos três apontados por Marx: 1) a produção cria a matéria-prima do consumo, seu objeto; 2) a produção cria não só consumidores

³¹ *A produção é imediatamente consumo. Duplo consumo, subjetivo e objetivo: o indivíduo que desenvolve suas capacidades ao produzir também as depende, consome-as no ato da produção, exatamente como a procriação natural é um consumo de forças vitais. Em segundo lugar: consumo dos meios de produção que são usados e desgastados e, em parte (como, por exemplo, na combustão), transformados novamente nos elementos gerais. Assim como o consumo da matéria-prima, que não permanece com sua forma [Gestalt] e constituição naturais, sendo, ao contrário, consumida. Por isso, o próprio ato de produção é, em todos os seus momentos, também um ato de consumo.* (MARX, 2011, p. 45)

³² *O consumo também é imediatamente produção, do mesmo modo que na natureza o consumo dos elementos e das substâncias químicas é produção da planta. Por exemplo, na nutrição, que é uma forma de consumo, é claro que o ser humano produz seu próprio corpo. Mas isso vale para todo tipo de consumo que, de um modo ou de outro, produz o ser humano sob qualquer aspecto.* (MARX, 2011, p. 45)

³³ *Devém* (MARX, 2011, p. 46)

por meio de sua determinabilidade, mas também modos de consumo³⁴; 3) a produção cria também o impulso para o consumo, ou seja, um determinado tipo de sujeito para um determinado tipo de produto. Em síntese, sobre as identidades entre produção e consumo, o autor apresenta alguns meandros determinantes para compreender a totalidade composta por produção-distribuição-troca-consumo³⁵, em sua síntese:

1) *Identidade imediata*: A produção é consumo; o consumo é produção. Produção consumptiva. Consumo produtivo. Os economistas chamam ambos de consumo produtivo. Mas fazem ainda uma distinção. A primeira figura como reprodução; o segundo, como consumo produtivo. Todas as investigações sobre a primeira são sobre o trabalho produtivo ou improdutivo; sobre o segundo, são investigações sobre consumo produtivo ou não produtivo.

2) O fato de que cada qual aparece como meio do outro; é mediado pelo outro; o que é expresso como sua dependência recíproca; um movimento em que são referidos um ao outro e aparecem como mutuamente indispensáveis, mas ainda mantêm-se exteriores entre si. A produção cria o material para consumo como objeto externo; o consumo cria a necessidade como objeto interno, como finalidade para a produção. Sem produção, nenhum consumo; sem consumo, nenhuma produção. Na Economia, figura em muitas formas.

3) Não só a produção é imediatamente consumo e o consumo, imediatamente produção; nem tampouco a produção é apenas meio para o consumo e o consumo, finalidade para a produção; cada um deles não apenas é imediatamente o outro, nem tampouco apenas o medeia, mas cada qual cria o outro à medida que se realiza. O consumo só termina o ato da produção na medida em que realiza o produto como produto, o dissolve, consome a sua forma de coisa autônoma; na medida em que eleva à destreza, pela necessidade da repetição desenvolvida no primeiro ato de produção; o consumo, portanto, não é um ato conclusivo pelo qual o produto devém produto, mas também ato mediante o qual o produto devém produtor. Por outro lado, a produção produz o consumo na medida em que cria o modo determinado do consumo e, depois, o estímulo ao consumo, a própria capacidade de consumo como necessidade. Esta última identidade, indicada sob o terceiro tópico é muitas vezes ilustrada na Economia na relação entre oferta e demanda, entre objetos e necessidades, entre necessidades socialmente criadas e naturais. (MARX, 2011, p. 47-8)

Tomando tais apontamentos como referência, denota-se não só que o par produção-consumo é permeado pela dialética, mas que há um caráter diferenciado nesta relação, especialmente na terceira identidade, que a reconhece de maneira distinta à noção comum como algo conclusivo, pois reconhecê-lo, tanto em seu movimento quanto como força que também gera movimento. Contudo, Lefebvre faz um importante apontamento para pensarmos o espaço e diferenciá-lo dos demais produtos. Segundo o autor “*El espacio (social) no es una cosa entre las cosas, un producto cualquiera entre los productos: más bien envuelve a las cosas*

³⁴ *Fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente. Por essa razão, não é somente o objeto do consumo que é produzido pela produção, mas também o modo do consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores.* (MARX, 2011, p. 47)

³⁵ “*O resultado a que chegamos não é que a produção, distribuição, troca e consumo são idênticos, mas que todos eles são membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade.*” (MARX, 2011, p. 53)

producidas y comprende sus relaciones en su coexistencia y simultaneidad: en su orden y/o (relativos)." (LEFEBVRE, 2013, p. 129). Obviamente que parte significativa desta consideração deve-se ao fato de Marx não ter tomado o espaço como objeto direto de análise³⁶, mas que também não passa totalmente apartado de suas contribuições, porque buscou explicar elementos centrais para a própria definição e produção do espaço.

A título de exemplo, podemos adequar algumas considerações a respeito, tais como: 1) a produção do espaço é imediatamente consumo do espaço, assim como o consumo do espaço é imediatamente produção do espaço; 2) o espaço, como produto, só se efetiva no seu consumo e vice-versa; 3) a produção do espaço cria também tanto consumidores quanto formas de consumo do espaço e processos que produzem e expressam a desigualdade socioespacial; 4) a produção do espaço produz determinado tipo de espaço para determinado tipo de consumidor; 5) a relação entre agentes produtores de espaço e consumidores é de significativa interdependência, assim como produção-consumo; etc.

Contudo, mesmo que o espaço e sua produção possa ter parcela significativa de sua explicação na discussão sobre produção, não se resume à condição de mercadoria e, portanto, defronta-se com algumas travagens. Neste questionamento habita um amplo universo de elementos que compreendem a constituição de um espaço e que muitas vezes foge, é secundarizado ou tratado de maneira estranha em sua lógica produtiva, tais como aspectos culturais, políticos etc. No entanto, apontamos aqui que uma das vias para se compreender tais clivagens deve-se à própria compreensão do ser humano como espaço-natureza, especialmente no processo de produção do espaço e em seu estabelecimento de agente e meio produtor.

Assim, a produção do espaço se dá por meio da relação de transformação (trabalho) do ser humano (leia-se também como natureza) com e sobre a natureza externa, produzindo assim espaço social-natureza e transformando incessantemente tanto este último quanto a si mesmo dialeticamente. Trabalho, natureza e produção-consumo (consumo-produção) são componentes, além de interpenetrados e contrários, cruciais e indissociáveis para compreendermos a produção do espaço, especialmente no tocante à produção da vida material e no *devoir* do e no curso histórico das formas de sociedade alicerçadas em determinados modos de produção.

A noção de natureza posta até então, que para alguns parece obscura, reflete, na realidade, uma natureza do ser humano que deve ser vista não como estática, mas como dialética

³⁶ Tal como esperam muitos geógrafos. Na maior parte das vezes é relacionado enquanto área, condição, distância, movimento, circulação etc., ou seja, sem o lastro das categorias geográficas.

tanto na ideação-objetivação quanto na produção de um espaço que também é/contém-contido natureza e que o ser humano também o é ou deveria assim se reconhecer e tomar consciência de si. Tais pressupostos, assustam-se, desvelam uma naturalização do estranhamento do ser humano na e enquanto natureza. Estranhamento este que emerge como mais um dos produtos não só da transformação da natureza, mas do modo de produção vigente, da estrutura societária e suas relações, cujas implicações criam capilaridades que inferem na relação seminal do ser humano com e enquanto natureza, eximindo deste o que têm de mais essencial, sua humanidade/natureza. Parte primordial das contradições que configuram o estranhamento socioespacial deve-se à própria transformação do espaço em mercadoria.

5 Um produto-produtor alienado e estranhado?

Estudar o espaço e buscar lançar mão de sua compreensão é um constante processo de tentar ir para além das compreensões estultas e do aparente, tanto em suas formas físicas quanto no amplo leque de elementos que constituem sua produção espiritual e material. A produção do espaço, conforme já destacado, aparece a nós como importante elemento para compreendermos as bases materiais e imateriais do conflito desvelado, em sua maioria, pelas ações coletivas. De um modo mais acurado, podemos destacar que, mesmo o espaço não se resumindo à condição de uma mera mercadoria pura e simplesmente, carrega em si parte significativa da problemática e conflitualidade relacionada à lógica e modo de produção desta.

Tomando outra discussão importante para se conhecer os meandros e capilaridades do trabalho na produção, a discussão sobre alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*) em Marx merece relevância. Nele, o trabalho objetivado, exteriorizado e apropriado³⁷ configura parte essencial do processo de produção, portanto: alienação e estranhamento. Segundo Ranieri (2001), sobre a definição conceitual, a Alienação³⁸ está relacionada à objetivação e exteriorizações³⁹ históricas do ser humano, enquanto o

³⁷ “O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (sachlich), é a objetivação (*vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (*Entfremdung*), como alienação (*Entäusserung*”). (MARX, 2009, p. 80)

³⁸ É fundamental diferenciar esta alienação (objetivação) da ideia de alienação como *falsa consciência* que está associada às discussões de Ideologia discutidas por Marx e Engels (2012), Konder (2002), Mannheim (1972) e Lowy (2010).

³⁹ “O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto de seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização (*Entäusserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, mas uma

estranhamento compreende um amplo conjunto de problemas no tocante à efetivação da primeira em “*conformidade com as potencialidades do homem*”. Apesar da primeira compor esta última, a mesma explicita um problema radical criado pela lógica produtiva e, portanto, transborda a exteriorização alcançando problemas estruturais com desdobramentos diretos ao que leva a um processo que, na linguagem geográfica, podemos tratar como diferenciação socioespacial:

A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre o trabalhador (o trabalho) e a produção. Sem dúvida. O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador. (MARX, 2009, p. 82)

Ratificando de maneira geografizada, para evitar tratar como metáfora, o espaço também como produto traz em sua lógica ambos os processos (*Entäusserung* e *Entfremdung*) e ainda compreende estes mesmos processos engendrados pelos demais produtos. No entanto, Marx destaca alguns elementos que tensionam e explicitam ainda mais a complexidade do processo, pois este far-se-á com tamanha radicalidade que se aproxima à uma concepção fetichista que beira a explicitar uma condição bestializada⁴⁰ do próprio ser humano:

Em que se consiste, então, a exteriorização (*Entäusserung*) do trabalho? Primeiro, que o trabalho é *externo (äusserlich)* ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, *trabalho obrigatório*. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexistia coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade (*Äusserlichkeit*) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de outro, como se o [trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. Assim como na religião a auto-atividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma

existência (äussern), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (ausser ihm), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha.” (MARX, 2009, p. 81)

⁴⁰ Em “O pensamento marxista e a cidade” Lefebvre se aproxima desta discussão próximo à “selvageria bestial” (p. 34)

atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo.

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano animal. (MARX, 2009, p. 82-3)

Esta perspectiva bestializada⁴¹ é íntima à noção que nos levaria à uma própria distopia da concepção do espaço, pois este processo de produção no/do mesmo, pelas coisas e por si, estaria embotada de um processo que Marx e Engels destrincham, tratando em suas diversas alcunhas e facetas: estranhamento, subsunção, dominação, reificação, coisificação e fetichização⁴². Ainda no âmbito das reflexões utópicas e distópicas, assim como poderíamos pensar que a sociedade do capital configuraria uma pré-história, estaríamos também em um pré-espaço, proto-espaço ou “espaço em formação” humanizado, cujo marco de ruptura com a condição “pré” dar-se-á por meio da “supressão da relação alienada dos homens com os seus próprios produtos” (MARX e ENGELS, 2007, p. 39), além do estranhamento, e, portanto, com o modo de produção e sua lógica.

Um espaço alienado, fetichizado, estranhado? Um espaço para as coisas, mercadorias? Um espaço desnaturalizado⁴³ e desumanizado? Adverso à própria existência do ser humano? Não nos há espaço hábil para avançar nas discussões e questões pertinentes para tensionar este

⁴¹ “A vida genérica, tanto do homem quanto do animal, consiste fisicamente, em primeiro lugar, nisto: que o homem (tal qual o animal) vive da natureza inorgânica, e quanto mais universal o homem [é] do que o animal, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica da qual ele vive. Assim como plantas, animais, pedras, ar, luz etc., formam teoricamente uma parte da consciência humana, em parte como objetos da ciência natural, em parte como objetos da arte – sua natureza inorgânica, meio de vida espirituais, que ele tem de preparar prioritariamente para a fruição e para a digestão –, formando também praticamente uma parte da vida humana e da atividade humana. Fisicamente o homem vive somente destes produtos da natureza, possam eles parecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação etc. Praticamente, a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico, tanto na medida em que ela é 1) um meio de vida imediato, quanto na medida em que ela é o objeto/matéria e o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber a natureza enquanto ela mesmo não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha o homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada”. (MARX, 2009, p. 84)

⁴² Marx e Engels (2012, p. 34, 35, 37, 41, 51, 64, 72-3) e MARX (2011, p. 46).

⁴³ Si es cierto que la producción del espacio se corresponde con un progreso de las fuerzas productivas (técnicas, conocimiento, dominación de la naturaleza), si por consiguiente, esta tendencia, llevada a su extremo (o dicho de otro modo, una vez franqueados ciertos límites), da lugar eventualmente a un nuevo modo de producción – que ya no sería el capitalismo de Estado, ni el socialismo de Estado, sino la gestión colectiva del espacio, la gestión social de naturaleza, la superación de la contradicción naturaleza/antinaturaleza –, es obvio que ya no será posible hacer uso únicamente de las categorías <<clásicas>> del pensamiento marxista. (LEFEBVRE, 2013, p. 158)

ensejo reflexivo, mas o movimento interpretativo já nos sacia imediatamente e nos permite pensar como movimentos socioespaciais e movimentos socioespaciais populares emergem tais contradições em suas lutas. Por fim, à título de exemplo, podemos pensar espacialmente esta discussão, quando vislumbramos a leitura de Marx sobre a propriedade privada:

“A propriedade privada é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação externa (äusserlichen) do trabalhador com a natureza e consigo mesmo.

A propriedade privada resulta portanto, por análise, do conceito de trabalho exteriorizado, isto é, de homem exteriorizado, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem estranhado. (MARX, 2009, p. 87)

6 Agentes de produção do espaço, práticas e processos socioespaciais

A produção do espaço não pode ser compreendida em sua lógica histórico-geográfica sem reconhecermos a significativa parcela de importância dos agentes de produção do espaço. Neste sentido, Corrêa (2014) destaca que a produção do espaço é *“consequência de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre esses mesmos e com outros segmentos da sociedade.”* (p. 43). Denota-se uma ampla diversidade de agentes produtores do espaço. Tomando especialmente o espaço urbano como ponto de análise, Corrêa (1989, p. 12) aponta os seguintes agentes de produção do espaço: os proprietários dos meios de produção, sobretudo, os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos.

Vale destacar que os agentes apontados pelo autor compreendem uma lógica de produção do espaço, em uma sociedade alicerçada no modo de produção capitalista e que, portanto, ao ser interpretada, por meio do aparato teórico-metodológico marxiano, constitui-se como expressão da luta de classes e das respectivas intencionalidades destas. A ação é parte essente deste processo de produção e, esta, representa, portanto, os interesses, as condições, as determinabilidades, as situações, as conexões, seus imperativos e os conflitos dos respectivos agentes (leia-se, também, classe) se expressam na produção de espaços diferenciados, desiguais e contraditórios.

A ação prostra-se como o epicentro do passado, do presente e do *devir* histórico do espaço. Processos espaciais e práticas espaciais, criados por um ou mais agentes, são um par importante para compreendermos a produção do espaço e suas diferenças. Mas o que seriam as práticas e os processos e como os entendemos no processo de produção do espaço e na

diferenciação socioespacial? Sobre processos espaciais, Corrêa destaca as ações sistemáticas e reincidentes ao longo do tempo:

Os processos espaciais constituem um conjunto de forças atuando ao longo do tempo, viabilizando localizações, realocações e permanências de atividades e população sobre o espaço da cidade. Postos em ação pelos diversos agentes sociais da produção do espaço, os processos constituem um movimento de massa, envolvendo uma sequência sistemática e regular de ações em período de tempo relativamente longo. Repetitividade e duração longa são traços definidores dos processos espaciais, distinguindo-os das práticas espaciais. Centralização, descentralização e segregação residencial são exemplos de processos espaciais. (CORRÊA, 2007 p.68)

A especificidade é característica importante das práticas espaciais e, diferentemente dos processos, não tem em sua essência o longo tempo de duração:

As práticas espaciais constituem ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos. Constituem ações individuais, não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada. A natureza pontual no espaço e no tempo estabelece a distinção entre prática espacial e processo espacial. Por intermédio dessa noção é possível estudos de casos envolvendo a ação de um agente individual sobre uma pequena área. A singularidade da prática espacial transforma-se, pela ação sistemática, regular e de maior escala temporal, envolvendo uma ampla porção do espaço, em processo espacial. As práticas espaciais, no entanto, e à semelhança dos processos espaciais, são meios pelos quais a diferenciação sócio-espacial pode ser alterada, mantida ou ainda, de modo específico às práticas espaciais, podem estar sendo anunciadas alterações. (CORRÊA, 2007, p.68-9)

Algumas práticas são produtos e componentes de um processo espacial. Este questionamento fica ainda mais vivo, quando pensamos a atuação dos movimentos socioespaciais⁴⁴, sendo que suas estratégias são produtos de um processo histórico de experiências. Assim como produto e consumo e consumo e produto, esta é uma conexão inquestionável ao pensarmos os movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais, especialmente porque a luta da maioria decorre do fato de que se reconhecem a partir do lastro de classe e compreendem-se no período histórico da luta de classes. Assim, podemos dizer que sem prática não há processo, pois a primeira é uma condicionante para configurá-lo. Mas em relação à prática é diferente, pois ela pode existir sem necessariamente criar ou ser criada por um processo direto. Contudo, em sua maioria, a prática é criada por um processo direto ou gerada, demandada e/ou impulsionada por outros processos ou práticas espaciais que, inclusive, sejam contrárias à sua própria existência.

⁴⁴ Sobre Movimentos Socioespaciais e Movimentos Socioterritoriais, ver em Sobreiro Filho (2016).

Outra consideração parece-nos pertinente para compreender a lógica capitalista de produção do espaço que engendra a diferenciação espacial. A compreensão da “*diferenciação espacial como produto, mas também como condição de realização do capitalismo*” (CARLOS, 2007, p. 57⁴⁵) é instrumental importante para compreender as relações para além de um espaço, como mero produto/mercadoria, e reconhecer sua importância no modo de produção e em sua configuração. Passamos, assim, a reconhecer a estrutura social, o modo de produção, o conjunto de problemas engendrados pelo Capital por meio das determinabilidades de um espaço que transborda a condição de produto/mercadoria. Situando essa discussão no tocante aos movimentos sociais como agentes da/de produção do espaço, tornar-se-á ainda mais nítida a noção de que o espaço não se reduz à condição de um produto criado somente pelo trabalho, mas também por meio da correlação de forças materializadas pelos embates políticos em diversos âmbitos, da disputa pelo Estado e da apropriação de seus órgãos, das vias informais e não oficiais. Fato que reforça a necessidade de se compreender que na parcela importante da produção do espaço habitam as conexões lineares e não-lineares que vão para além do aparente.

Considerações finais

Este trabalho buscou contribuir com uma leitura mais atenta sobre o debate da teoria da produção do espaço, mostrando o seu sentido amplo, complexo e os múltiplos processos que o envolvem. Percorremos os referenciais que inspiraram as discussões primárias da teoria, com o fito de evidenciar outros elementos e interpretações que a compreendem, bem como os diferentes agentes e processos engendrados.

O ponto de partida, destacando a relação entre natureza, trabalho e produção aparece como essencial para identificarmos os meandros e as relações objetivas e subjetivas que envolvem o processo de produção dos meios de vida, meios de produção, das formas de consumo etc. Tal fato nos leva a crer que produção aparece como um fenômeno sintético e complexo, por estar articulado com um amplo conjunto de outros processos e, especialmente, quando relacionado ao espaço, emerge como o produto mais complexo que o ser humano já produziu pela força de ser um produto-produtor.

⁴⁵ “Essa orientação abre outro caminho possível para a análise: *a diferenciação espacial como produto, mas também, como condição da realização do capitalismo. Nessa situação, revelaria uma lógica e um conflito latente. Assim, a produção do espaço, como momento necessário da acumulação, seja na sua condição de realização de valor de troca (econômico), seja como estratégia (político), seja como espaço-tempo da realização prática da vida social, revela a realidade como contradição vivida.*” (CARLOS, 2007, p. 57)

Ademais, a indissociabilidade produção-consumo aparece nesta “equação” enquanto consumo-produtivo e produção-consumptiva e, uma das feições mais contraditórias dessa produção levada aos auspícios da lógica capitalista, a alienação e o estranhamento ressignificam o nosso pensamento ao sentido de compreendermos a “materialização da existência humana” (LEFEBVRE, 2013) (leia-se o espaço) enquanto um produto contraditório e desumanizado. Por fim, buscamos apresentar as perspectivas dos principais agentes de produção do espaço na sociedade capitalista, com o fito de compreendermos melhor que existem disputas na lógica de produção do espaço desde de diferentes projetos e posturas políticas.

Agradecimentos

Este artigo contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no bojo da pesquisa intitulada “Contribuição à construção de uma teoria geográfica sobre movimentos socioespaciais e *contentious politics*: produção do espaço, redes e lógica-racionalidade espaço-temporal no Brasil e Argentina”.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5^o edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. **Categorias**. 2^a edição. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda. 2010.
- _____. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2009
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001
- CARLOS, A. F. A. **Diferenciação Socioespacial**. Revista Cidades, Presidente Prudente, Vol. 4, n, 6, 2007.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
- _____. Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço: Um Texto para Discussão. In CARLOS, A. F.; SOUZA, M. L. e SPOSITO, M. E. B. (Orgs.) **A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- _____. **Diferenciação Sócio-espacial, escala e práticas espaciais**. Revista Cidades, Presidente Prudente, Vol. 4, n, 6, 2007.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 3^o edição. Petrópolis: Vozes. 2013.
- KONDER, L. **A Questão da ideologia**. 1^o edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013
- _____. **O Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **O Pensamento Marxista e a Cidade**. Lisboa: Editora Ulissea, 1972

LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social**: Elementos para uma análise Marxista. 19^o edição. São Paulo: Cortez Editora. 2010. 127 p.

MANNHEIN, K. **Ideologia e Utopia**. 2^o edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1972.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo editorial, 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

_____. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Expressão popular, 2008.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte** In: A revolução antes da revolução. São Paulo: Expressão popular, 2008.

_____. **O Capital**. Livro 1, Vol. 1. 25^o edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

_____. **O Capital**. Livro 1, Vol. 2. 25^o edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

MARX, K, & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo editorial, 2012.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: L&M, 2011.

RANIERI, J. **A Câmara Escura: Alienação e estranhamento em Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001

SCHMIDT, A. **El concepto de naturaleza en Marx**. Madrid: Grupo editorial Siglo Veintiuno, 2012.

SOBREIRO FILHO, J. **Contribuição à Construção de uma Teoria Geográfica sobre Movimentos Socioespaciais e *Contentious Politics***: produção do espaço, redes e lógica-racionalidade espaço-temporal no Brasil e Argentina. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2016.

Recebido (Received): 24-03-2019

Aceito (Accepted): 04-12-2019

Como citar esta publicação: SOBREIRO FILHO, J. Um breve ensaio sobre a ideia de produção na teoria da produção do espaço: de Marx a Lefebvre. **Formação (Online)**, v. 27, n. 51, p. 337-361, 2020.